

**OS INVESTIMENTOS EXTERNOS
CHINESES NO SETOR DE COBRE
PERUANO: IMPLICAÇÕES E DESAFIOS
AO DESENVOLVIMENTO (2007-2019)**

*LAS INVERSIONES EXTRANJERAS
CHINAS EN EL SECTOR DEL COBRE
PERUANO: IMPLICACIONES Y DESAFÍOS
PARA EL DESARROLLO (2007-2019)*

Carlos Renato Ungaretti¹

Jacqueline A. Haffner²

Fecha de recepción: 29 de abril de 2020

Fecha de aceptación: 5 de junio de 2020

1 Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos Internacionais (PPGEEI) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Pesquisador associado do Instituto Sul-Americano de Política e Estratégia (ISAPE). E-mail: renato.ungaretti94@gmail.com.

2 Economista. Professora do Departamento de Economia e Relações Internacionais (DERI) e do Programa de Pós-graduação em Estudos Estratégicos Internacionais (PPGEEI) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Integrante do Grupo de Pesquisa sobre os BRICS (NEBRICS-UFRGS). E-mail: Jacqueline.haffner@ufrgs.br

RESUMO

O artigo buscou analisar os investimentos externos chineses no setor de cobre peruano, entre 2007 e 2019, a fim de avaliar os seus impactos e desafios ao desenvolvimento econômico do país sul-americano. Os investimentos externos chineses na América do Sul e no Peru, em particular, se articulam a uma estratégia de internacionalização econômica, atendendo aos objetivos estratégicos de Pequim. Verificou-se que os investimentos chineses no setor de cobre peruano geraram impactos positivos ao desenvolvimento, incrementando a produção, o PIB mineiro e as exportações. Por outro lado, ressaltou-se que o modelo de desenvolvimento primário-exportador aprofunda um cenário de dependência excessiva em relação à China.

Palavras chaves: Peru, investimentos chineses, cobre.

RESUMEN

El artículo analizó las inversiones extranjeras chinas en el sector de cobre peruano, entre 2007 y 2019, con el fin de evaluar sus impactos y desafíos para el desarrollo económico del país sudamericano. Las inversiones extranjeras chinas en América del Sur y Perú, en particular, están vinculadas a una estrategia de internacionalización económica, que cumple con los objetivos estratégicos de Beijing. En esta investigación, se concluye que las inversiones chinas en el sector del cobre peruano tuvieron impactos positivos en el desarrollo, el aumento de la producción, el PIB minero y las exportaciones. Por otro lado, fue subrayado, que el modelo de desarrollo primario de exportación profundiza un escenario de dependencia excesiva con China.

Palabras claves: Perú, inversiones chinas, cobre.

Introdução

O presente artigo tem como objetivo analisar os investimentos externos chineses no setor de cobre peruano, entre 2007 e 2019, a fim de avaliar os seus impactos e desafios ao desenvolvimento econômico. Trabalha-se com a premissa de que os investimentos chineses, impulsionados pela política *Going Global*, não são guiados por uma lógica mercadológica, mas sim a uma lógica de Estado (Rodrigues e Hendler, 2018), baseada na ampliação do poder nacional (Santos e Milan, 2014). Essa lógica de Estado se explica, em parte, por um processo que, desde a década de 1990, se caracteriza por um relançamento, de grande magnitude, da ação do Estado sobre o conjunto da economia, tendo em grandes conglomerados empresariais estatais os agentes da execução direta, ao passo que tendo como lastreador financeiro um profundo e complexo sistema nacional e estatal de financiamento (Jabbour e De Paula, 2018).

Os investimentos externos chineses na América do Sul, no geral, e no Peru, em particular, se articulam a uma estratégia chinesa de internacionalização econômica, atendendo a objetivos estratégicos, tais como a diversificação dos parceiros e a garantia do suprimento de recursos minerais e energéticos necessários à continuidade do crescimento.

Dada essa premissa geral, o trabalho busca compreender os impactos e os desafios desses investimentos para o desenvolvimento econômico do país sul-americano. Estruturou-se o artigo em três partes. Na primeira, a finalidade está relacionada à apresentação dos desdobramentos recentes na formação histórica econômica peruana, sobretudo a instauração do modelo liberal e a sua continuidade ao longo do século XXI.

Considerando o papel da ascensão chinesa para a expansão das exportações mineiras e a afluência de investimentos externos oriundos do país asiático, pretendeu-se, em um segundo momento, apresentar a evolução das relações sino-peruanas. Destacou-se o incremento do intercâmbio comercial, a afluência dos investimentos chineses a partir de 2007 e os avanços em termos de diálogo bilateral, que resultaram tanto na assinatura de um Acordo de Livre Comércio (2009) quanto na adesão formal do Peru à *Belt and Road Initiative* (BRI), em 2019.

A terceira parte se ocupou de avaliar os impactos e os desafios dos investimentos chineses ao desenvolvimento econômico. Verificou-se que os investimentos chineses contribuíram para o incremento da produção de cobre e do PIB mineiro, assim como das exportações mineiras, especialmente após o ano de 2015. Por outro lado, constatou-se que, entre 2007 e 2013, os investimentos mineiros, no geral, e chineses, em particular, proporcionaram encadeamentos em outras atividades econômicas. O ingresso dos investimentos chineses a partir de 2007 trouxe implicações positivas, embora também propicie a consolidação de um modelo de desenvolvimento primário-exportador que, no médio e longo prazo, pode trazer riscos à sustentabilidade do crescimento, dada a assimetria das relações bilaterais e a criação de uma forte dependência em relação ao mercado chinês e ao ingresso de investimentos externos.

Desdobramentos contemporâneos da economia peruana

Nesta seção, pretende-se apresentar os desdobramentos recentes da formação econômica peruana. Especificamente, se descreverá o ciclo de crescimento iniciado na década de noventa, que manteve continuidades relevantes ao longo do século XXI.

O governo Fujimori (1990-2010) assentou os fundamentos econômicos, sociais e jurídicos do Peru atual (Santos, 2016). No plano econômico, o *fujimorismo* consolidou o modelo primário-exportador mediante à introdução de políticas econômicas neoliberais. Em consonância às recomendações do Consenso de Washington (1989), os passos do pacote neoliberal introduzido por Fujimori foram: 1) programa de estabilização (controle da inflação e normalização os serviços da dívida); 2) reformas institucionais pró-mercado (desregulamentação dos mercados financeiros e laboral, redução e unificação tarifária, privatização e esforços para redução da evasão fiscal); 3) integração do Peru ao circuito financeiro internacional (Barros e Hitner, 2010). Em termos de comércio exterior, se introduziu uma política de abertura, com redução das tarifas de importação e eliminação das barreiras ao comércio (Nemias e Edelina, 2016).

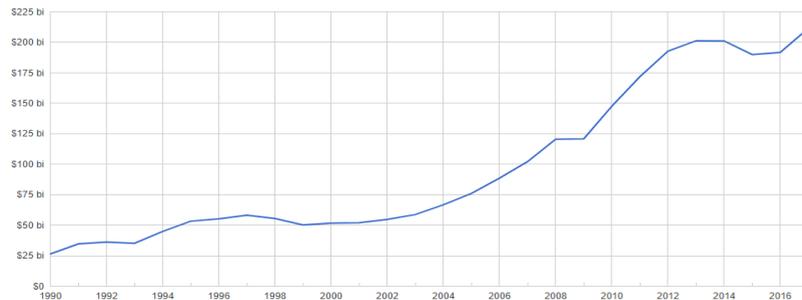
Em um primeiro momento, as medidas econômicas foram aceitas e ocorreram sem maiores distúrbios políticos e sociais (Pinto, 2003). A partir de 1992, contudo, o governo Fujimori passa a nutrir desavenças com o poder Legislativo, o que acabou motivando a articulação de um auto-golpe e a instauração de um Governo de Emergência e Reconstrução Nacional (1992-1996). Durante esse período, a economia peruana alcança a estabilidade monetária, ao passo que o crescimento acumulado do PIB, entre 1993 e 1997, chega a 41% (Pinto, 2003). Outros aspectos relevantes desse período estão relacionados às condições internas que contribuíram para o crescimento e para a atração de investimentos estrangeiros, tais como a já mencionada estabilidade monetária, mas também a eliminação da guerrilha³, a renegociação da dívida externa e o estabelecimento de contratos de estabilidade tributária para investidores (Contreras Carranza, 2018). Ademais, salienta-se a elaboração de políticas voltadas à garantia da propriedade privada sobre a terra e a eliminação de quaisquer formas de discriminação entre investidores nacionais e estrangeiros (Castillo Guzmán, 2010).

O período do “fujimorismo tardio” (1996-2000) é marcado por um cenário internacional desfavorável⁴ e pela redução do ímpeto de crescimento. Já em 2000 aparecem denúncias contra o Fujimori, obrigando-o a procurar refúgio no Japão (Barros; Hitner, 2010). O Gráfico ilustra o crescimento do PIB peruano entre 1990 e 2016.

3 Um fator decisivo para a eliminação da guerrilha foi a prisão do líder do grupo Sendero Luminoso, Abimael Guzmán, em 1992.

4 A segunda metade da década de 1990 é marcada por crises financeiras internacionais, com destaque para aquelas ocorridas no México (1994), Tigres Asiáticos (1997), Rússia (1998) e Brasil (1998).

**Gráfico 1 - Produto Interno Bruto do Peru
(em bilhões de US\$), 1990-2016.**



Fonte: Banco Mundial, 2019.

Os méritos do governo Fujimori foram o controle da inflação⁵ e a retomada do crescimento (Gráfico 1), que se elevou a um ritmo médio de 3,9% ao ano durante os anos 1990, de acordo com dados do *Instituto Nacional de Economía y Estadística* (INEI, 2016). Por outro lado, salienta-se que o crescimento desse período foi condicionado por impulsos externos, ao passo que a estabilidade monetária veio acompanhada de custos econômicos - tais como a perda de competitividade da indústria manufatureira e a exacerbção dos desequilíbrios externos (Jiménez, 2001; Santos, 2016). A utilização da taxa de câmbio e da abertura comercial como instrumentos de combate à inflação teve como resultado o aumento das importações⁶ (e dos déficits comerciais e em conta-corrente). Há entendimentos que colocam que o modelo neoliberal, ao não ser amparado na demanda interna, resulta em reprimarização, tornando a economia mais dependente de capitais externos para o financiamento do crescimento e dos déficits em conta-corrente (Jiménez, 2001).

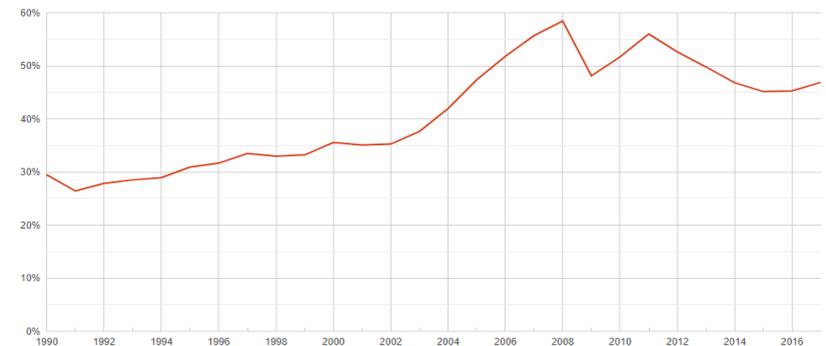
A vulnerabilidade frente a choques externos, conforme ocorrera em 1997 e 1998, demonstrou que o modelo primário-exportador encontra dificuldades para se sustentar sem a presença de estímulos externos

5 A inflação, que em 1990 era de 7841,66%, atingiu o patamar de 11,13% em 1995 e de 3,76%, em 2000.

6 O aumento das importações, entre 1990 e 1998, foi de 258,5% (Jiménez, 2001).

(Jiménez, 2001). Apesar disso, a economia peruana seguiu, ao longo do século XXI, em um ritmo de crescimento acelerado, motivado principalmente pela expansão das exportações, mas também por fatores como o incremento do investimento privado e a estabilidade macroeconômica, que por seu turno permitiu o acesso a fontes de financiamento externo em condições favoráveis (Távora, 2010).

Gráfico 2 - Comércio (% do PIB) - 1990-2016



Fonte: Banco Mundial, 2019.

Conforme visto no Gráfico 1 a economia peruana apresentou um expressivo crescimento econômico ao longo do século XXI, aumentando o seu PIB de US\$ 51,74 bilhões (2000) para mais de US\$ 211 bilhões (2016). Por sua vez, o comércio exterior (Gráfico 2), consolidou sua posição proeminente, chegando a representar mais de 58% do PIB em 2008. Nesse sentido, os estímulos externos se mostraram presentes e de forma mais intensa nos anos 2000, o que contribuiu para a continuidade do modelo econômico instaurado na década de 1990. Em outras palavras, o *boom* das *commodities*, ocasionado em parte pela elevada demanda chinesa por minerais (cobre, ferro e zinco), promoveu os estímulos necessários para a expansão das exportações (Medeiros e Cintra, 2015).

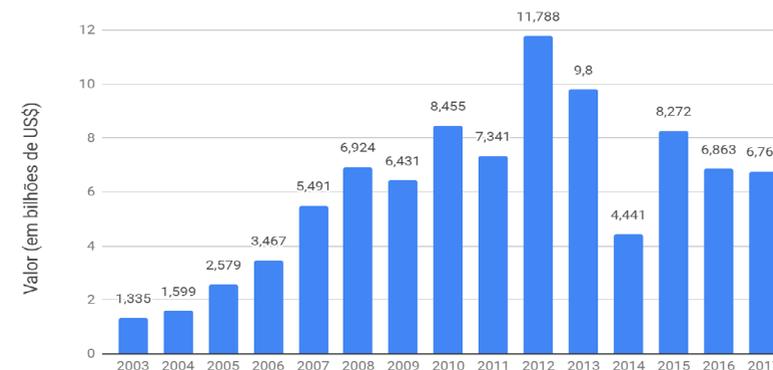
O crescimento das exportações foi significativo, passando de US\$ 3 bilhões (1993) para US\$ 46 bilhões, em 2011 (Contreras Carranza, 2018). Deve-se mencionar que os saldos comerciais na primeira década do

século XXI foram superavitários (Ponce e Quispe, 2010), flexibilizando as restrições externas e proporcionando a expansão dos setores de construção civil e de serviços sem provocar desequilíbrios na balança de pagamentos (Távora, 2010).

A economia peruana, portanto, retoma o crescimento a partir de 2002, ao passo que as políticas econômicas de Toledo (2001-2006), García (2006-2011) e Humala (2011-2016) permaneceram sendo conduzidas sob as premissas da ortodoxia liberal (Contreras Carranza, 2018). Ao longo do decênio 2001-2010, se constatou um crescimento médio da ordem de 5,6%, motivado pelo crescimento chinês e de outras economias emergentes - que modificaram os termos de troca em termos favoráveis -, pela afluência de investimentos externos diretos e pela obtenção de superávits na balança comercial (INEI, 2016).

Entre o quinquênio 2010-2015, notou-se a continuidade do crescimento do PIB - 4,8% em média -, a despeito de uma redução no ritmo a partir de 2014, motivada pela desaceleração das economias emergentes e por um tímido crescimento das exportações, de apenas 0,7% no período (INEI, 2016). Apesar disso, a economia peruana, entre 2016 e 2018, permaneceu crescendo a uma taxa média de 3,5% (INEI, 2019). A recuperação desse período decorreu, em parte, da retomada das exportações, que cresceram, em média, em 8% (INEI, 2019). Para 2019, as estimativas apontam um crescimento de 3,6%, apesar dos escândalos envolvendo a empresa Odebrecht, que resultou na prisão de 4 ex-presidentes do país (Carmo, 2019). Em relação ao Investimento Externo Direto (IED), julga-se importante apresentar o Gráfico 3:

Gráfico 3 - Estimativa de entradas de IED no Peru (em bilhões de US\$), 2003-2017



Fonte: CEPAL, 2018b. Elaboração própria dos autores.

Os investimentos externos diretos cumpriram um papel relevante para o acelerado crescimento da economia peruana no século XXI, especialmente a partir de 2007, ano em que se iniciam uma série de investimentos chineses no país (Gonzalez-Vicente, 2013). Entre 2003 e 2017, a média anual de ingresso de IED no Peru foi de US\$ 6,103 bilhões. No que diz respeito ao *stock* de IED (2017), o Peru ocupa, segundo dados da Comissão Econômica para América Latina e Caribe (CEPAL), a quinta posição na América Latina e Caribe⁷, com um montante de US\$ 98,243 bilhões (CEPAL, 2018b).

Além da atração de investimentos externos, a continuidade do modelo liberal se evidencia na política externa peruana, que procurou estabelecer acordos de livre-comércio com parceiros-chave⁸, ao mesmo tempo em que colaborou para a criação da Aliança do Pacífico, em 2011 (Toledo e Lascano, 2019). A multiplicidade de acordos de livre-comércio não representa apenas a consolidação de uma política de liberalização comercial, mas sim uma estratégia de desenvolvimento de liberalização e abertura (Fairle Reinoso, 2010).

7 Os quatro primeiros são: 1) Brasil (US\$ 778,287 bilhões); 2) México (US\$ 553,608 bilhões); 3) Chile (US\$ 282,339 bilhões); 4) Colômbia (US\$ 180,238 bilhões)

8 Destacam-se os Estados Unidos, União Europeia, China e Canadá (Fairle Reinoso, 2010).

Considerando que as reformas estruturais dos anos 1990 consolidaram um modelo de desenvolvimento centrado nas exportações, torna-se necessário se ater ao papel desempenhado pela mineração. As reformas dos anos 1990 contribuíram para o “ressurgimento” da mineração, que passou por um período de declínio entre as décadas de 1980 e 1990 (Castillo Guzmán, 2011). Dessa forma, a atração de investimentos estrangeiros por meio de contratos de estabilidade tributária, somado a elevada demanda internacional por recursos minerais, proporcionou o aumento dos investimentos e da produção mineira ao longo dos anos 2000, especialmente nos setores de cobre e ouro (Contreras Carranza, 2018). A Tabela 1 ilustra as exportações mineiras entre 2008 e 2017:

Tabela 1- Exportações x Exportações mineiras (em bilhões de US\$).

Ano	Exportações totais (em bilhões de US\$)	Exportações mineiras (em bilhões de US\$)	Participação
2008	31,02	18,28	58,90%
2009	27,07	16,33	61,40%
2010	35,8	22,16	61,90%
2011	46,38	28,02	60,40%
2012	47,41	28,19	59,50%
2013	42,86	24,51	57,20%
2014	39,53	21,21	53,60%
2015	34,41	19,65	57,10%
2016	37,02	22,42	60,60%
2017	44,92	27,75	61,80%

Fonte: MINEM, 2018. Elaboração própria dos autores.

Considerando os dados da Tabela 1, é possível observar a representatividade da mineração na composição das exportações. Entre as exportações mineiras, destacam-se as exportações de cobre e de ouro, que representaram, em 2017, 30,7% e 17,8% das exportações totais, respectivamente. Em relação às exportações de cobre, estas saltaram de US\$ 7,277 bilhões (2008) para mais de US\$ 13,773 bilhões (2017). O crescimento das exportações de ouro também foi significativo, passando de US\$ 5,586, (2008) para quase US\$ 8 bilhões (2017). No que diz respeito ao destino das exportações mineiras, destaca-se a China, que, segundo dados do Ministerio de Energía y Minas (MINEM), foi responsável, em 2017, por absorver 36% das exportações mineiras do Peru (MINEM, 2018).

Os investimentos no setor mineiro também aumentaram de forma relevante entre 2008 e 2017, sendo esse período considerado como a “década dos investimentos em megaprojetos mineiros” (MINEM, 2018). Entre 1996 e 2017, os investimentos informados pelos mineradores totalizaram US\$ 60,273 bilhões, dos quais US\$ 51,794 bilhões (85,9%) correspondem à década de 2008 a 2017 (MINEM, 2018). Atualmente, o Peru é o segundo maior produtor de cobre do mundo, ao passo que, em termos de reservas, ocupa a terceira colocação, atrás do Chile e da Austrália.

Dada a centralidade das exportações mineiras, sobretudo de cobre, no contínuo processo de crescimento das últimas décadas, pretende-se, na próxima seção, apresentar a evolução das relações sino-peruanas, uma vez que o gigante asiático constitui o principal parceiro comercial do Peru e um importante investidor no setor da mineração. Ou seja, dado que o setor exportador é o que historicamente move a economia peruana (Glave Testino e Barrantes Cáceres, 2010; Carranzas, 2018), julga-se importante compreender a evolução das relações sino-peruanas em termos político-diplomáticos e econômico-comerciais, à medida em que a China vem exercendo um papel relevante tanto na manutenção do crescimento quanto na consolidação do modelo de desenvolvimento adotado nos anos noventa.

A evolução das relações sino-peruanas

O objetivo desta seção consiste em apresentar a evolução das relações sino-peruanas, especialmente a intensificação das relações econômicas no século XXI. Em consequência disso, Peru e China assinaram, em 2009, um acordo de livre-comércio, ao passo que, em 2019, o Peru aderiu formalmente à BRI⁹.

As relações sino-peruanas se concretizam em 1971, ano em que o Peru passa a ser o segundo país sul-americano a reconhecer a RPC e sua política de “uma só China” (Zanabria, 2015). A primeira visita oficial de um presidente peruano a China ocorreu em 1991, sendo acompanhada, ao longo da década de 1990, de uma política externa voltada à aproximação com os países da Ásia-Pacífico. Essa aproximação com a Ásia culminou, em 1998, com o ingresso do Peru na Cooperação Econômica Ásia-Pacífico (APEC) (Sanamanud, 2014).

A partir do século XXI e com o ingresso da China na Organização Mundial do Comércio (OMC), o crescimento chinês e sua sustentada demanda por matérias-primas e recursos naturais passaram a ter consequências no preço das *commodities*, beneficiando os países sul-americanos exportadores de produtos minerais e derivados de petróleo (Fairle Reinoso, 2010; Perroti, 2015; Jenkins, 2011). O “efeito demanda” resultou, especialmente para as economias exportadoras, em crescimento econômico (Medeiros e Cintra, 2015).

No que tange às relações sino-peruanas, destacam-se a estruturação de acordos e convênios bilaterais e o estabelecimento de uma Associação Estratégica Integral (Zanabria, 2015). A posição estratégica do Peru e a abundância do país em recursos naturais também constituem fatores que reforçam o relacionamento sino-peruano (Samanamud, 2014).

Enquanto uma economia exportadora, o impacto da ascensão chinesa foi positivo, uma vez que esta estimulou o crescimento das exportações para o país asiático, que passaram de US\$ 231 milhões (1993) para mais de US\$ 6,9 bilhões, em 2014 (Fairlie, 2015; Mesías, 2017). Já

⁹ Em abril de 2019, China e Peru assinaram um Memorando de Entendimento.

as exportações mineiras saltaram de US\$ 0,744 bilhões, em 2004, para 5,833 bilhões, em 2014 (Mesías, 2017).

Em razão do incremento nas relações comerciais, Peru e China estabeleceram, em 2009, um Acordo de Livre-Comércio, em vigência desde 2010. Desde então, as exportações peruanas cresceram a uma média anual de 13,5%, acumulando um total de mais de US\$ 76 bilhões. De acordo com o *Ministerio de Comercio Exterior y Turismo* (MINCETUR), as importações de produtos chineses cresceram a uma média anual de 12,9%, acumulando um total de mais de US\$ 73 bilhões (Mincetur, 2019). Apresenta-se a Tabela 2, que ilustra a pauta exportadora do Peru para a China:

Tabela 2 - Exportações peruanas para a China, 2018.

Produto	Valor (em milhões de US\$)	Participação
Cobre	9741	71,40%
Farinha de peixe	1460	10,70%
Chumbo	616	4,50%
Zinco	583	4,30%
Ferro	487	3,60%
Petróleo e gás natural	130,5	1%
Produtos não tradicionais	512,8	3,80%
Outros	106,2	0,70%
Total	13636	100%

Fonte: Mincetur, 2019. Elaboração própria dos autores.

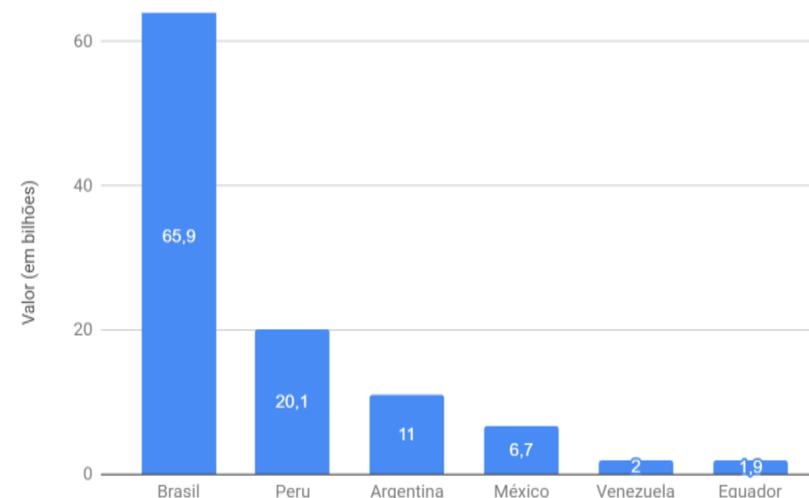
Percebe-se, a partir da Tabela 2, a predominância dos produtos tradicionais na pauta exportadora do Peru, padrão este que não se modificou com a assinatura do Tratado de Livre-Comércio. Ademais, destacam-se as exportações de cobre, que, em 2018, representaram mais de 70% das exportações para a China. No que diz respeito às importações provenientes da China, destaca-se o setor de bens de capital, conforme atesta a Tabela 3:

Tabela 3 - Importações peruanas da China, 2018

Produto	Valor (em milhões de US\$)	Participação
Bens de capital e materiais de construção	4348,2	43%
Bens de consumo	2973,1	29%
Matérias primas e produtos intermediários	2876,9	28%
Diversos	0,1	0,00%
Total	10198,3	100%

Fonte: Mincetur, 2019. Elaboração própria dos autores.

Diante dos dados relativos ao comércio exterior, se ressalta que, no âmbito dos investimentos, o Peru também aparece como relevante parceiro, sendo o segundo maior receptor de IED chinês na América Latina e Caribe ao longo dos anos de 2005 e 2017, conforme atesta o Gráfico 4:

Gráfico 4 - IED chinês na América Latina e Caribe, por país de destino (2005-2017)

Fonte: CEPAL, 2018 a. Elaboração própria dos autores.

Os investimentos chineses no Peru iniciam ainda na década de 1990, quando ocorre a compra da *Hierro Perú* pela empresa *Shougang Corporation* e a aquisição, por parte da *China National Petroleum Corporation* (CNPC), dos lotes VI e VII do campo de Talara (Zanabria, 2015). A partir de 2007, é desencadeada uma série de investimentos chineses, sobretudo no setor da mineração, mas também nos setores de energia, petróleo e gás, financeiro e pesqueiro (Zanabria, 2015; Fairlie, 2015; Mesías, 2017). O Quadro 1 apresenta os principais investimentos chineses no Peru, considerando os anos de 2007 e 2014.

Quadro 1 - Principais investimentos chineses no Peru (2007-2014)

Ano	Investidor	Projeto	Setor
2007	Aluminum Corporation of China (Chinalco)/Minera Chinalco Perú S.A.	Toromocho	Mineração
2007	Zijin Mining Group/Rio Blanco Cooper S.A.	Rio Blanco	Mineração
2007	Beijing Rich Gold/Jintong Mining	Llama TY01	Mineração (exploração)
2008	China Minmetals Corp./ Jiangxi Cooper Corp./ Lumina Cooper S.AC.	Galeno	Mineração
2009	Junefields Company Limited/ Junefield Group	Cercana	Mineração
2009	Shougang Corporation/ ShougangHierroPerú S.A.A	Marcona (expansão)	Mineração
2009	Nanjizhao Group/ Jinzhao Mining Peru S.A.	Pompa del Pogo	Mineração
2010	Bank of China	China Desk Peru	Financeiro
2010	Industrial and Commercial Bank of China (ICBC)/ ICBC Peru Bank		Financeiro
2011	Minera Shouxin Peru	Projeto Exploração Relaves	Mineração
2012	China National Petroleum Corporation (CNPC)/ SAPET.	Lote 1AB (Olaya, Loreto)	Energia, Petróleo e Gás
2012	China National Petroleum Corporation (CNPC)/ SAPET.	Lote 8 (Trompeteros, Yanayacu, Loreto)	Energia, Petróleo e Gás
2013	China National Petroleum Corporation (CNPC)/ PetroChina	Lote X (Talara), Lote 58 (Camisea)	Energia, Petróleo e Gás
2013	China National Petroleum Corporation (CNPC)/ SAPET.	Lote 57 (Camisea)	Energia, Petróleo e Gás
2013	Pacific Andes International Holding Ltd/China Fishery Group		Pesca
2014	MMG Ltd.	Las Bambas	Mineração

Fonte: Mesías, 2017. Elaboração própria dos autores.

O setor de mineração, conforme atesta o Quadro 1, concentra grande parte dos investimentos chineses no Peru (Fairlie, 2015), conferindo ao gigante asiático um papel protagônico tanto no setor de ferro como no setor de cobre (Mesías, 2017). A inauguração de uma nova dinâmica no setor mineiro contribuiu para que o IED chinês nesse setor superasse os US\$ 22 bilhões em 2015, colocando a China sob controle de 35,90% do portfólio de projetos de mineração (Mesías, 2017). Deve-se destacar a venda do megaprojeto de Las Bambas por US\$ 5,850 bilhões para um consórcio liderado pela MMG Ltd¹⁰, representando o maior investimento realizado pela China no Peru (Mesías, 2017).

Contudo, em abril de 2019, o MINEM publicou que a China já não é mais o principal investidor no setor mineiro do país, tendo os investimentos britânicos, que somam US\$ 11,930 bilhões (20% do portfólio), ultrapassado os investimentos chineses, que agora somam US\$ 10,155 bilhões (17,2% do portfólio). Essa mudança ocorreu em virtude do fato de que Las Bambas (US\$ 10 bilhões) e a ampliação de Marcona (US\$ 1,100 bilhões) saíram da contagem do portfólio, na medida em que deixaram de ser projetos para se tornarem minas (Saldarriaga, 2019). Ou seja, as empresas chinesas, embora seguindo como protagonistas e impulsionadoras do crescimento, não renovaram, nos últimos anos, o portfólio de investimentos no país. Em relação ao setor de petróleo, destaca-se a atuação da *China National Petroleum Corporation* (CNPC), que vem se tornando uma das principais empresas produtoras de hidrocarbonetos no Peru, especialmente após a compra, em 2014, de 100% dos ativos da Petrobras Energia Peru, por US\$ 2,6 bilhões.

Recentemente, em 2019, o Peru aderiu formalmente a BRI¹¹, representando um avanço importante nas relações bilaterais. A adesão peruana a BRI, além de refletir o caráter estratégico das relações bilaterais, pode ter como desdobramento o incentivo a novos investimentos chineses, especialmente em infraestrutura, como é o caso do antigo projeto da ferrovia bioceânica, assim como a implementação de projetos - como a

¹⁰ A empresa é controlada pela estatal chinesa *Minmetals*.

¹¹ O Peru foi o décimo nono país latino-americano e o quarto país andino a entrar na iniciativa chinesa (Bermúdez Liévano, 2019).

construção do porto de Chancay - que podem passar a ser incluídos sob o guarda-chuva da iniciativa (Bermúdez Liévano, 2019).

Os investimentos externos chineses no setor de cobre peruano. Impactos e desafios para o desenvolvimento econômico

Nesta seção, pretende-se aprofundar a análise dos indicadores associados aos investimentos chineses no setor de cobre. Esse aprofundamento ocorrerá a partir de indicadores econômicos peruanos que se encontram associados aos investimentos chineses durante o período analisado (2007-2019). Após a obtenção desses dados, será realizada uma avaliação acerca dos impactos e desafios dos investimentos chineses para o desenvolvimento econômico peruano.

Diante do objetivo de compreender os impactos e os desafios para o desenvolvimento econômico peruano, pretende-se, primeiramente, apresentar as empresas chinesas inseridas no setor de cobre. Dessa forma, é possível identificar quais empresas já estão operando na produção de cobre e quais ainda estão desenvolvendo projetos de exploração e construção. Assim, fica facilitada a inserção e a interpretação de indicadores econômicos relacionados ao setor mineiro, no geral, e ao setor de cobre, em particular.

Atualmente, cinco empresas chinesas encontram-se inseridas no setor de cobre peruano, ao passo que duas delas já se encontram no estágio de operação e produção: a empresa *Chinalco* já está produzindo na mina de Toromocho desde 2016; e a empresa *Mineral MetalsGroup* (MMG) lidera o consórcio que vem explorando a mina de Las Bambas desde 2015 (MINEM, 2019). Há, ainda, outras três empresas chinesas com investimentos em carteira no setor de cobre: 1) *Zijin Mining Group* (Rio Blanco); 2) *LuminaCopper S.A.C* (El Galeno); 3) *JunefieldGroup* (Don Javier).

Tabela 4 - Empresas chinesas e investimentos no setor de cobre

Projeto e região	Empresa proprietária	Investimentos	Etapa do projeto
Rio Blanco (Piura)	Consórcio Zijin	US\$ 2,5 bilhões	Viabilidade
Galeno (Cajamarca)	Minmetals/ Jiangxi	US\$ 3,5 bilhões	Pré-viabilidade
Toromocho (Junín)	Chinalco	US\$ 3,5 bilhões	Produção
Ampliação de Toromocho (Junín)	Chinalco	US\$ 1,3 bilhão	Viabilidade
Don Javier (Arequipa)	Junefield	US\$ 600 milhões	Pré-viabilidade
Las Bambas (Apurímac)	Consórcio MMC	US\$ 5,850 bilhões	Produção

Fontes: MINEM 2018; MINEM 2019; BBVA, 2019. Elaboração própria dos autores.

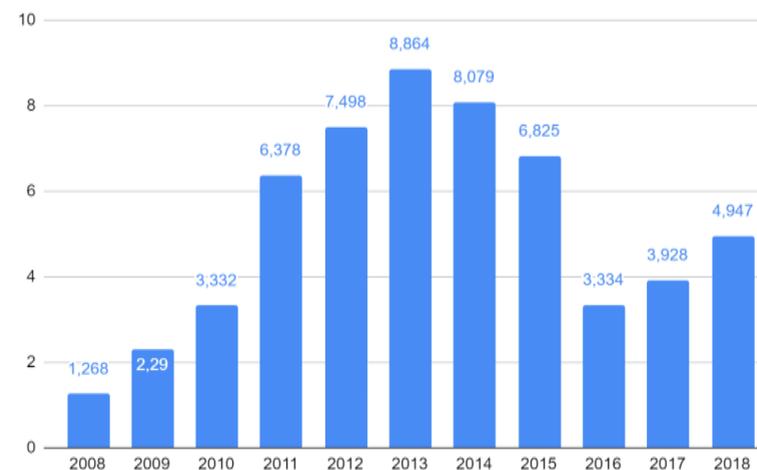
Antes de analisar de forma mais profunda os investimentos chineses, é importante introduzir indicadores econômicos mais abrangentes, a fim de estabelecer relações entre esses investimentos e seus impactos no PIB, no PIB mineiro, na produção de cobre e nas exportações. A Tabela 5 ilustra a evolução dos investimentos totais na mineração, considerando as suas diferentes categorias:

Tabela 5 - Investimentos mineiros no Peru por categoria (em milhões de US\$), 2008-2018.

Categoria/ ano	Infraestrutura	Exploração	Equipamento mineiro	Planta benéfico	Desenvolvimento e preparação	Total (em milhões de US\$)
2018	1,084	413	657	1,412	761	4,947
2017	1,557	784	491	287	388	3,928
2016	1,079	377	387	238	350	3,334
2015	1,228	527	654	446	375	6,825
2014	1,464	625	558	890	420	8,079
2013	1808	776	789	1,414	405	8,864
2012	1,797	905	525	1,14	639	7,498
2011	1407	869	776	1,125	788	6,378
2010	828	616	518	416	510	3,332
2009	376	394	500	320	196	2,29
2008	321	192	177	141	132	1,268

Fonte: MINEM, 2018; MINEM, 2019. Elaboração própria dos autores.

Gráfico 5 - Investimentos mineiros totais (2008-2018)



Fonte: MINEM, 2019; MINEM, 2018. Elaboração própria dos autores.

Considerando as Tabelas 4 e 5 e o Gráfico 5, percebe-se a evolução dos investimentos na mineração ao longo do período 2008-2018, bem como os investimentos chineses anunciados e realizados no setor de cobre, que totalizaram US\$ 17,25 bilhões entre 2007 e 2018. Em relação ao Gráfico 5, é possível notar que, entre 2008 e 2013, o Peru presenciou um período de auge dos investimentos (BBVA, 2019), sendo seguido de uma desaceleração entre 2015 e 2016 e de uma retomada dos investimentos a partir de 2017. Essa retomada pode ser entendida como um novo ciclo de investimentos, tendo em vista fatores como a recuperação do preço internacional do cobre e os custos de operação relativamente baixos (BBVA, 2019).

O período de desaceleração dos investimentos coincide com um momento de auge da produção mineira, uma vez que diversos projetos passaram a entrar em operação e a produzir, como foi o caso das minas de Toromocho e Las Bambas. A Tabela 6 ilustra o incremento da produção de cobre (em milhões de TM¹²) e sua variação:

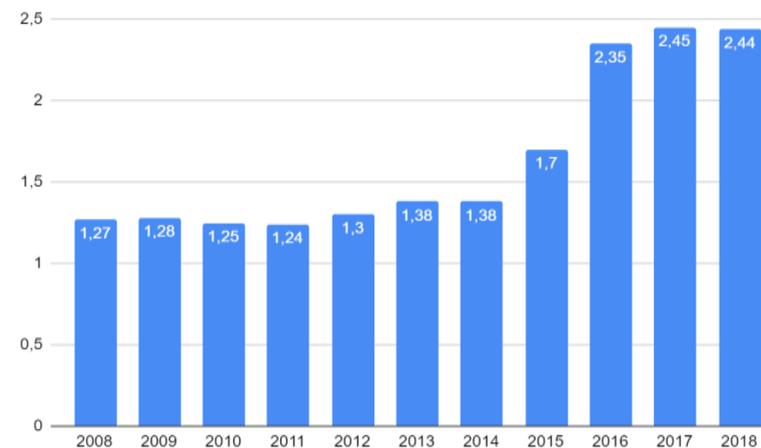
12 Toneladas Métricas (TM)

Tabela 6 - Produção de cobre (em milhões de TM e variação percentual), 2008-2018

	Unidade	Produto
	Cobre	Cobre
	TM (milhões)	Variação percentual anual
2008	1,27	6,40 %
2009	1,28	0,60 %
2010	1,25	-2,20 %
2011	1,24	-0,90 %
2012	1,3	5,10 %
2013	1,38	5,90 %
2014	1,38	0,10 %
2015	1,7	23,40 %
2016	2,35	38,40 %
2017	2,45	3,90 %
2018	2,44	0,40 %

Fonte: MINEM, 2018; MINEM, 2019. Elaboração própria dos autores.

Gráfico 6 - Produção de cobre (em milhões de TM), 2008-2018



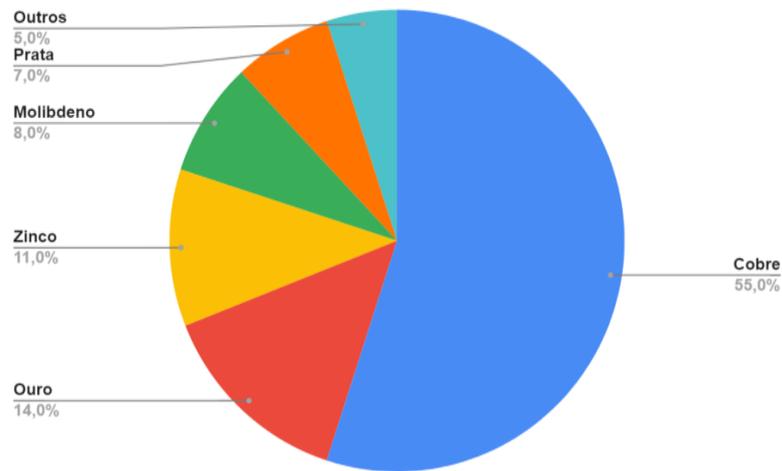
Fonte: MINEM, 2019. Elaboração própria dos autores.

Percebe-se, a partir da Tabela 6 e do Gráfico 6, o incremento na produção de cobre a partir de 2015, resultado do ciclo de investimentos iniciado em 2007 e intensificado a partir de 2011. Em relação aos projetos de Toromocho e de Las Bambas, atesta-se que estes, combinados, representaram, em 2018, 24,3% da produção de cobre (MINEM, 2019). A mina de Toromocho, coordenada pela empresa *Chinalco*, iniciou suas operações em 2016 e, em 2018, representou 8,3% do total de cobre produzido (MINEM, 2019). Já a mina de Las Bambas, que iniciou suas operações em 2016, representou, em 2018, 15,3% da produção total de cobre, ficando na terceira colocação no *ranking* de empresas que atuam no setor (MINEM, 2019). Com o novo ciclo de investimentos iniciado em 2017, no qual se encontra a ampliação da mina de Toromocho pela *Chinalco*, é esperado que a produção de cobre supere os 3 milhões de TM em 2024 (BBVA, 2019).

O início das operações em Toromocho e em Las Bambas explica, em parte, o crescimento da produção de cobre no ano de 2016, que passou de 1,700 milhões de TM (2015) para mais de 2,353 milhões de TM. É nesse contexto em que o Peru se alça a condição de segundo maior produtor

de cobre do mundo, atrás apenas do Chile (MINEM, 2019). Em síntese, entende-se que esses dois projetos contribuíram para o incremento da produção de cobre e de sua representatividade no PIB mineiro, que foi de 55% no ano de 2018 (Gráfico 7).

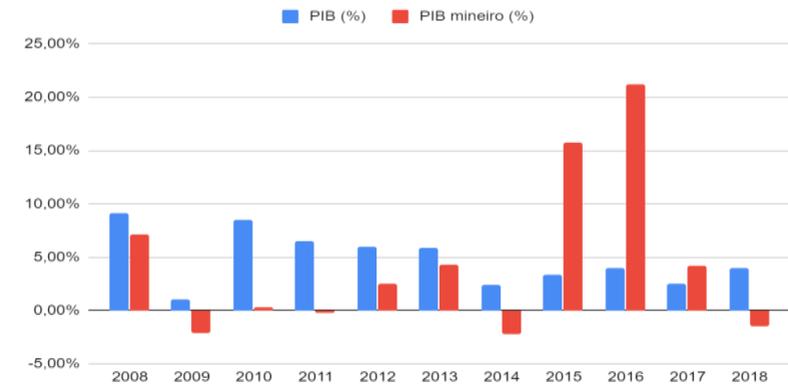
Gráfico 7 - Participação no PIB mineiro por produto, 2018



Fonte: MINEM, 2019. Elaboração própria dos autores.

Considerando que a produção de cobre corresponde a mais da metade do PIB mineiro, julga-se relevante introduzir os dados referentes à evolução do PIB peruano e do PIB mineiro.

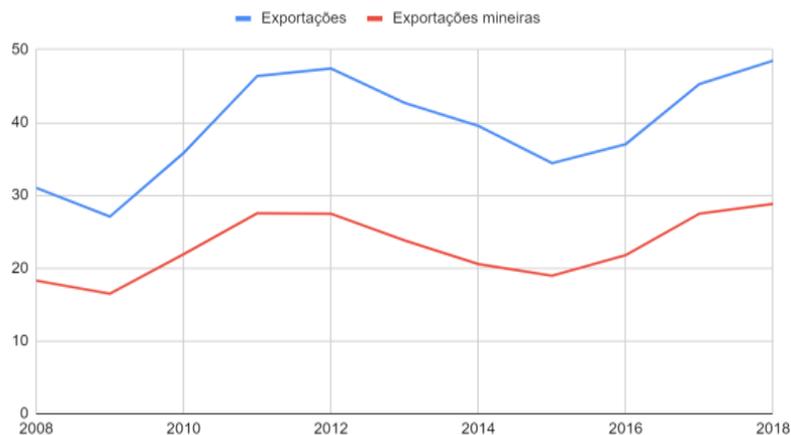
Gráfico 8 - PIB e PIB mineiro



Fonte: MINEM, 2019; MINEM, 2018. Elaboração própria dos autores.

Considerando o Gráfico 8, é possível perceber que o crescimento do PIB mineiro entre 2015 e 2016, motivado pelo incremento da produção de cobre, contribuiu para a elevação do PIB nestes anos, que foi da ordem de 3,2% (2015) e 3,9% (2016). De acordo com o Instituto Peruano de Economia (IPE), o PIB mineiro contribuiu com 1,1% para o crescimento do PIB em 2015 e com 1,8% para o crescimento em 2016 (IPE, 2017). Por outro lado, tem-se uma desaceleração nos anos seguintes, com crescimento de 4,48% (2017) e decréscimo de 1,48%, em 2018. (MINEM, 2019). O setor minerador é responsável por cerca de 10% do PIB peruano (BBVA, 2019). Em termos de comércio, é possível notar, através do Gráfico 9, os dados relativos às exportações e às exportações mineiras, considerando o período 2008-2018:

**Gráfico 9 - Exportações e Exportações mineiras
(em milhões de US\$), 2008-2018.**



Fonte: MINEM, 2019; MINEM, 2018 Elaboração própria dos autores.

O Gráfico 9 demonstra que as exportações mineiras ditam o ritmo das exportações peruanas, ao passo que ressalta a representatividade desta no comércio exterior, que gira em torno de 60% (BBVA, 2019). Percebe-se um período de decréscimo das exportações entre 2012 e 2015, enquanto, depois disto, o que se nota é uma elevação das exportações, que por sua vez coincide com o aumento da produção mineira (e especialmente de cobre) e do PIB (Gráfico 8). Ademais, deve-se ressaltar que o crescimento das exportações - e das exportações mineiras em particular - tem efeitos positivos à medida em que gera divisas ao país e incrementa a arrecadação fiscal do Estado¹³ (IPE, 2017).

Por outro lado, não se pode ignorar os limites desse modelo de crescimento voltado às exportações e ao mercado externo. Desde a assinatura do Acordo de Livre Comércio com a China, 95% das exportações peruanas ao país asiático corresponderam a metais, minerais e farinha de peixe (Garzón, 2019). O modelo introduzido na década de noven-

ta depende de impulsos externos (Jiménez, 2001) e articula seu ritmo de crescimento às dinâmicas da economia internacional e, particularmente, do desenvolvimento chinês.

Considerando os apontamentos proferidos até o momento, entende-se ser importante analisar os impactos que os investimentos no setor mineiro e no subsetor de cobre geram em outros setores da economia. De um lado, já se verificou que os investimentos nas minas de Las Bambas e Toromocho tiveram impactos no incremento da produção de cobre, elevando o PIB, o PIB mineiro e as exportações, especialmente nos anos de 2015 e 2016.

No geral, os investimentos no setor mineiro têm impactos diretos na produção de distintas atividades econômicas (MINEM, 2019; IPE, 2017; BBVA, 2019), como é o caso das atividades relacionadas ao transporte, à construção e à eletricidade, gás e água (IPE, 2017). Há, ainda, outros setores que são impactados, como é o caso da produção de substâncias químicas básicas (BBVA, 2019). A Tabela 7 apresenta a variação percentual de crescimento de algumas atividades econômicas, considerando os anos de 2007 e 2018.

¹³ Para mais detalhes a respeito do regime tributário do setor mineiro, ver IPE (2017).

Tabela 7 - Crescimento por atividades econômica (em %), 2007-2018

Atividade econômica	PIB	Extração de petróleo, gás e minerais	Manufatura	Eletricidade, gás e água	Construção	Transportes
2007	8,5	4,2	10,6	9,2	16,6	10,2
2008	9,1	8,1	8,5	8	16,9	9
2009	1,1	0,6	-6,5	1	6,5	-0,9
2010	8,3	1,4	10,1	8,7	17	13,2
2011	6,3	0,3	8,3	8,2	3,6	11,4
2012	6,1	1,8	1,3	5,9	15,9	7
2013	5,9	5,1	5,2	3,4	9,4	6,6
2014	2,4	-1,6	-1,1	5,2	1,8	2,5
2015	3,3	8,4	-0,9	6,6	-5,3	4,3
2016	4	12,3	-0,2	7,8	-2,5	4,1
2017	2,5	3,5	-0,2	0,9	2,4	3,8
2018	4	-1,3	6,2	4,4	5,4	5

Fonte: INEI, 2019. Elaboração própria dos autores.

Nota-se, a partir da Tabela 7, que o crescimento médio dos setores de eletricidade, gás e água, construção e transportes foram, entre 2007 e 2018, superiores à média de crescimento do PIB. O setor de construção foi o que mais cresceu (7,3%), sendo seguido pelos setores de transporte (6,35%) e de eletricidade, gás e água (5,77%). Os setores de manufatura e de extração de petróleo, gás e minerais também cresceram, embora a um ritmo menor¹⁴. Considerando somente o período entre 2007 e 2013, nota-se que o crescimento dos três setores destacados foi ainda mais elevado:

Tabela 8 - Crescimento por atividade econômica (em %), intervalos selecionados

Atividade Econômica	2007-2013	2014-2018
PIB	6,47	3,24
Eletricidade, gás e água	6,34	4,98
Construção	12,27	0,36
Transportes	8,07	3,94

Fonte: INEI, 2019. Elaboração própria dos autores.

Diante das Tabelas 7 e 8, é possível observar que o crescimento dos investimentos entre 2007 e 2013 - especialmente aqueles em infraestrutura, exploração e equipamentos mineiros (Tabela 5) - favoreceu o crescimento de outras atividades econômicas. Destacam-se, nesse sentido, os setores de construção e transportes, que, entre 2007 e 2013, cresceram a uma média acima da elevação do PIB, que foi da ordem de 6,47%.

Dado que a atividade mineradora gera encadeamentos com outros setores da economia, atesta-se que este também promove efeitos multiplicadores no emprego e no consumo. De acordo com IPE (2017), a criação de 1 emprego direto no setor mineiro gera aproximadamente

¹⁴ O crescimento médio anual desses setores foi de 3,56% e 3,44%, respectivamente.

6,25 empregos adicionais no restante da economia, devido aos efeitos indireto¹⁵ e induzido¹⁶. Em termos de emprego, tem-se que, em 2018, a População Economicamente Ativa (PEA) encontrava-se ocupada em 95,7%, resultando em um índice de desemprego considerado baixo, de apenas 4,3% (Parodi, 2018). Contudo, deve-se atentar para o elevado grau de subemprego (48,2%) e de informalidade¹⁷, que atinge especialmente a parcela da população com reduzida instrução educacional (Parodi, 2018). No que diz respeito ao consumo, é interessante inserir a Tabela 9, que traz dados relativos à oferta e à demanda, considerando intervalos selecionados:

Tabela 9 - Oferta e Demanda (em %), intervalos selecionados

Componente	2006-2010	2011-2013	2014-2018
Oferta Global	8	6,7	3,1
PIB	6,9	6,1	3,2
Demanda Global	8	6,7	3,1
Demanda interna	9,7	7,8	2,6
Consumo privado	7,2	6,8	3,6
Consumo do governo	6,5	7,7	5,9
Formação Bruta de Capital fixo	19,7	10,1	-1,1
Exportações	3	2,6	4,8

Fonte: INEI, 2019. Elaboração própria dos autores.

15 Em termos de efeito indireto, a criação de empregos diretos no setor mineiro gera novos postos de trabalho em serviços como transporte terrestre; manutenção e reparação de veículos; serviços profissionais, científicos e técnicos; fabricação de produtos metálicos (IPE, 2017).

16 Em relação ao efeito induzido, tem-se dois efeitos: 1) efeito consumo; 2) efeito investimento. No efeito consumo, a criação de empregos diretos no setor mineiro gera postos de trabalho em cultivos agrícolas, restaurantes, educação, etc. No efeito investimento, a geração de postos de trabalho ocorre na construção; produtos metálicos para uso estrutural; maquinário (IPE, 2017).

17 Em áreas urbanas, somente 33,6% dos empregos são formais (Parodi, 2018).

A partir da Tabela 9, é possível identificar que o crescimento da demanda interna e do consumo privado, entre 2006 e 2013, foi superior ao crescimento do PIB. Destaca-se, também considerando o período de 2006 a 2013, o crescimento expressivo da Formação Bruta de Capital Fixo, que também foi superior ao PIB e à Oferta Global.

Nota-se que, em razão da desaceleração dos investimentos a partir de 2014, tem-se uma redução tanto da Oferta quanto da Demanda Global, reduzindo o ímpeto de crescimento da demanda interna e do consumo privado. Por outro lado, argumenta-se que, no transcorrer do período assinalado enquanto auge dos investimentos mineiros, se identificaram efeitos multiplicadores no consumo e na demanda interna, dando razão à ideia de que os investimentos no setor geram encadeamentos em outros setores da economia, impactando de forma positiva o emprego, a renda e o consumo.

Diante das constatações acerca dos efeitos positivos dos investimentos no setor mineiro e dos investimentos chineses, deve-se atentar para os desafios em torno destes, especialmente em termos de desenvolvimento econômico e social. Um primeiro elemento que merece ser salientado diz respeito aos conflitos sociais e degradações ambientais gerados por alguns empreendimentos. Há, conforme informações provenientes de BBVA (2019), investimentos em carteira que, atualmente, encontram-se paralisados devido à ocorrência de problemas ambientais e de tensões com as populações locais¹⁸.

Esse é o caso do projeto cuprífero de Rio Blanco, coordenado por um consórcio liderado pela empresa chinesa *Zijin*, que ainda não iniciou a fase de construção e ainda não apresentou Estudo de Impacto Ambiental (BBVA, 2019; MINEM, 2019). O projeto mineiro, que perpassa um território de 1.200 hectares de comunidades camponesas de Yanta (Ayabaca) e Segunda y Cajas (Huancabamba), já havia sido reprovado, em 2007, por uma consulta realizada junto à população, quando 95% dos votantes posicionaram-se contra o projeto (El Comercio, 2019). Outro projeto paralisado por conflitos sociais, segundo levantamento da

18 Esses projetos em carteira atualmente postergados totalizam um valor de US\$ 12 bilhões (BBVA, 2019).

BBVA (2019), é o projeto Galeno, localizado na região de Cajamarca e coordenado pelas empresas *Minmetals* e *Jiangxi* (Tabela 4).

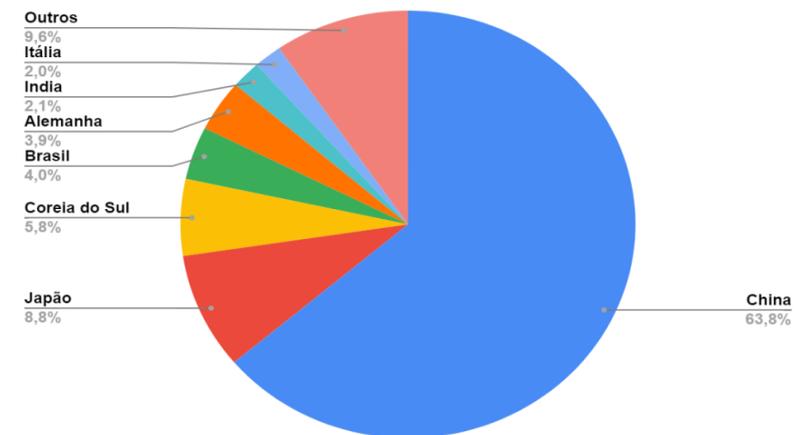
Além dos projetos paralisados, convém mencionar os conflitos sociais que eclodiram, em 2015, no projeto cuprífero de Las Bambas. O projeto, a partir do momento em que foi adquirida pelo consórcio MMG, passou a ser objeto de contestação por parte da população local. Essas contestações se vinculam a mudanças realizadas pela MMG no Estudo de Impacto Ambiental (EIA), que alterou as operações de produção e de transporte da mina (Zanabria, 2015). Desde então, sucederam-se conflitos envolvendo as comunidades locais, que acusam o empreendimento de Las Bambas de violar o seu direito à consulta prévia e de modificar os resultados presentes no EIA (Moreno Custodio, 2020). Os episódios de protesto já resultaram na morte de quatro membros da comunidade (Moreno Custodio, 2020).

Esses impactos negativos em termos sociais e ambientais encontram-se circunscritos no debate público, ainda mais se levarmos em conta que há, em curso, um processo de otimização do Acordo de Livre-Comércio. Em abril de 2019, diferentes entidades, como a Federação Internacional dos Direitos Humanos (FIDH), instaram o MINCETUR a incluir no Acordo medidas que assegurem que os projetos de desenvolvimento e as infraestruturas realizadas no Peru sejam absolutamente compatíveis com os direitos humanos e em total respeito ao meio ambiente e à sustentabilidade dos recursos naturais (Garzón, 2019).

Além dos desafios sócio-ambientais, deve-se ter em mente desafios ao desenvolvimento econômico do Peru no longo prazo, dado que, atualmente, o país sul-americano depende da demanda do mercado externo para sustentar o crescimento de suas exportações, ao mesmo tempo em que a ampliação da capacidade produtiva fica articulada ao fluxo de investimentos externos, especialmente no setor cuprífero. Apesar disso, ressalta-se que a tendência, para os próximos anos, é a de um novo ciclo de investimentos (BBVA, 2019), dada a projeção de apreciação do preço internacional do cobre e os reduzidos custos de operação e produção no Peru. Mesmo assim, a concentração das exportações de cobre para a China, em relação ao total das exportações mineiras, su-

gere uma relação econômica caracterizada por uma excessiva dependência do país sul-americano em relação ao asiático (Mesías, 2017). O Gráfico 10, nesse sentido, ilustra os destinos das exportações de cobre:

Gráfico 10 - Exportações de cobre por país de destino, 2018.



Fonte: MINEM, 2019. Elaboração própria dos autores.

Percebe-se, a partir do Gráfico 10, que o mercado chinês corresponde a mais de 60% das exportações de cobre do Peru. Nesse sentido, é importante trazer à tona elaborações econométricas de Mesías (2017), que buscou estabelecer um esquema voltado à compreensão dos impactos da ascensão chinesa sobre a economia peruana. De acordo com Mesías (2017), um aumento de 1% do investimento chinês gera uma elevação de 0,19% do PIB, ao passo que uma elevação de 1% em exportações para a China resulta em um incremento de 0,48% no PIB.

Essa direta correlação entre crescimento do PIB e investimentos chineses e exportações para a China ilustra o elevado peso econômico do país asiático nas dinâmicas de crescimento do Peru, que pode ser agravada, no médio e longo prazo, pelas mudanças no regime de crescimento chinês (Cintra e Pinto, 2017). Essas mudanças, entendidas como um “novo normal” ou um “rebalanceamento” (Zhang, 2016), se caracterizam por

um processo de transição interna que modifica a dinâmica de acumulação, demandando maior peso do consumo interno em detrimento do investimento (Jabbour e De Paula, 2018). No entanto, esse cenário pode ser atenuado pela crescente exportação de investimentos em infraestrutura por parte da China, especialmente no entorno asiático¹⁹, o que pode manter a demanda chinesa por minerais - especialmente de cobre - em níveis elevados, dada a sua utilização nos setores de construção, rede elétrica e maquinário industrial (BBVA, 2019).

Dessa forma, entende-se que os investimentos chineses, sobretudo no setor de cobre, contribuíram para o crescimento da economia peruana entre 2007 e 2018, convertendo o país sul-americano no segundo maior produtor de cobre do mundo e influenciando de forma positiva em outros setores da economia, com destaque para os setores de construção e eletricidade. Por outro lado, há de se ressaltar possíveis impactos negativos no desenvolvimento econômico e social, a saber a ocorrência de conflitos ambientais e sociais, bem como o estabelecimento de uma dependência excessiva em relação a China gerada pelo modelo primário-exportador, principalmente em termos de exportações mineiras e de cobre ao país asiático.

Conclusões

Com o objetivo de analisar os impactos e os desafios do IED chinês no setor de cobre ao desenvolvimento econômico peruano, buscou-se apresentar os desdobramentos recentes da formação econômica peruana e a evolução das relações sino-peruanas. Verificou-se que o modelo de desenvolvimento instaurado na década de 1990 logrou a estabilidade monetária e favoreceu o crescimento da economia, principalmente em razão da ocorrência de impulsos externos. Esses impulsos externos, fundamentais em um modelo primário-exportador (Jiménez, 2001), se manifestaram especialmente na ascensão chinesa, cujo crescimento

¹⁹ Essa crescente exportação de investimentos chineses, especialmente em infraestrutura, se explica, em grande parte, pela BRI, que atualmente constitui a principal iniciativa chinesa em termos de integração na Eurásia, embora não se restrinja a ela.

modificou os termos de troca em favor dos países exportadores, gerando crescimento a partir das exportações (Medeiros e Cintra, 2015).

A evolução das relações sino-peruanas ao longo do século XXI sugere uma aproximação estratégica. O avanço nas relações bilaterais se manifesta na direção dos investimentos chineses na América do Sul, **à medida em que o Peru desponta como o segundo maior receptor de investimentos chineses na região** (CEPAL, 2018 b).

Em termos de impactos, a avaliação foi a de que os investimentos chineses no setor de cobre proporcionaram a continuidade do crescimento inaugurado nos anos noventa, aprofundando-o por meio do incremento do intercâmbio comercial e de uma maior afluência de investimentos, principalmente a partir de 2007. O entendimento é de que esses investimentos favoreceram o aumento da produção de cobre e das exportações, afetando também setores como o de transportes e de construção, com implicações positivas sobre o emprego, o consumo e a arrecadação fiscal do Estado.

Porém, ressalvas devem ser salientadas, dada a conformação de um cenário de excessiva dependência em relação às exportações para a China e ao ingresso de investimentos oriundos do país asiático, à medida em que podem comprometer a sustentabilidade do modelo de crescimento voltado ao setor externo, tornando a economia peruana vulnerável às oscilações e às instabilidades do mercado mundial. Por fim, reitera-se os desafios ao desenvolvimento econômico e social, uma vez que os empreendimentos mineiros, por vezes, podem gerar impactos ambientais e sociais negativos. Conforme mencionado, há projetos que encontram-se paralisados em razão de irregularidades, à exemplo dos projetos de Rio Blanco e Galeno, assim como há conflitos sociais no maior projeto cuprífero peruano (Las Bambas), que se estendem desde 2015. Esses impactos sociais e ambientais negativos, que encontram-se sob debate e que podem ser incluídos de algum modo na renovação do Acordo de Livre Comércio, devem, por meio das empresas que coordenam os projetos e dos órgãos governamentais, estabelecer relações de diálogo e de engajamento junto às populações locais.

Lista de Siglas

- APEC – Cooperação Econômica Ásia-Pacífico
- BBVA – Banco Bilbao Vizcaya Argentaria
- BRI – Belt and Road Initiative
- CEPAL – Comissão Econômica para América Latina e Caribe
- CNPC – China National Petroleum Corporation
- EIA – Estudo de Impacto Ambiental
- IED – Investimento Externo Direto
- IPE – Instituto Peruano de Economía
- MINEM – Ministerio de Energía y Minas
- MINCETUR – Ministerio de Comercio Exterior y Turismo
- INEI – Instituto Nacional de Economía y Estadística
- MMG – Mineral Metals Group
- PEA – População Economicamente Ativa

Referências

BANCO MUNDIAL (2019). Disponível em: <https://datos.bancomundial.org/> (Consultado em julho de 2019).

BARROS, Pedro Silva e HITNER, Verena (2010), “A economia política do Peru: da ruptura interrompida aos dilemas contemporâneos”, em: *Oikos*, Rio de Janeiro, Vol. 9, Nº 2, pp.143-164

BBVA (2019), “Perú: Situación del sector minero”. Disponível em: <https://www.bbvaresearch.com/publicaciones/peru-situacion-del-sector-minero-febrero-2019/> (Consultado em outubro de 2019).

BERMÚDEZ LIÉVANO, Andrés (2019), “¿Cómo avanza la Franja y la Ruta en la región andina?”, em: *Diálogo Chino*, Londres. Disponível em: <https://dialogochino.net/28021-chinas-belt-and-road-advances-in-latin-america-andean-region/?lang=es> (Consultado em agosto de 2019).

CABRERA TOLEDO, Lester e MUÑOZ LASCANO, Lesly (2019), “Centro, periferia y semiperiferia como categorías geopolíticas: el caso de Chile y Perú en el siglo XXI”, em: *Estado & Comunes, Revista de políticas y problemas públicos*, Quito, Vol. 2, Nº 9, pp.87-108.

CARMO, Marcia (2019), “O que faz a economia do Peru crescer forte mesmo após escândalo Odebrecht arrastar 4 ex-presidentes”, em: *BBC News Brasil*. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-47956367> (Consultado em agosto de 2019).

CASTILLO GUZMÁN, Gerardo (2011), “Minería y sociedad en el Perú: un panorama tras dos décadas de iniciado el boom”, em: *Gestión Pública y Desarrollo*, Lima, Nº 42, pp.1-16.

CEPAL (2018a), *Explorando nuevos espacios de cooperación entre América Latina y el Caribe y China*, Santiago, Naciones Unidas.

CEPAL (2018b), *La inversión Extranjera Directa en América Latina y el Caribe*, Santiago, Naciones Unidas.

CINTRA, Marcos Antonio Macedo e PINTO, Eduardo Costa (2017), “China em transformação: transição e estratégias de desenvolvimento”, em: *Revista de Economia Política*, [s.l.], Vol. 37, Nº 2, pp. 381-400.

CHAVEZ SANCHEZ, Nemias e RAMIREZ PALMA, Edelina, Ramírez (2016), “Influencia de las políticas neoliberales del Consenso de Washington en el crecimiento económico del Perú, 1990-2015”, tesis de grado, Universidad Nacional Santiago Antúnez de Mayolo, Huaraz.

CONTRERAS CARRANZA, Carlos (2018), “La economía peruana en vísperas del bicentenario de la independencia. 2018”, em: *Documento de Trabajo*, Departamento de Economía, PUCP, Lima, Nº 459. Disponível em: <http://files.pucp.edu.pe/departamento/economia/DDD459.pdf> (Consultado em julho de 2019).

EL COMERCIO (2019), “Piura: comuneros reavivan con marcha oposición al proyecto minero Río Blanco”, em: *El Comercio*, Lima. Disponível em: <https://elcomercio.pe/peru/piura/piura-comuneros-reavivan-marcha-oposicion-proyecto-minero-rio-blanco-noticia-629616-noticia/> (Consultado em outubro de 2019).

FAIRLIE, Alan (2015), “China potencia económica y comercial: una mirada desde el Perú”, em: *Agenda Internacional*, Lima, Nº 33, pp.55-80

FAIRLIE REINOSO, Alan (2010), “Relaciones económicas Perú-China”, em: *Comentario Internacional*, Quito, Vol. 9, pp.11-35.

GARZÓN, Paulina (2019), “Los desafíos de un acuerdo de comercio Perú-China optimizado”, em: *Diálogo Chino*, Londres. Disponível em: <https://dialogochino.net/es/comercio-y-inversiones-es/29018-los-desafios-de-un-acuerdo-de-comercio-peru-china-optimizado/> (Consultado em junho de 2020).

GLAVE TESTINO, Manuel e BARRANTES CÁCERES, Roxana, (2010), “Recursos naturales, medio ambiente y desarrollo: Perú 1970-2010”, em: RODRÍGUEZ, José; TELLO, Mario D. (ed.), *Opciones de política económica en el Perú: 2011-2015*, Lima, Fondo Editorial de La Pontificia Universidad Católica del Perú, pp. 107-146.

GONZÁLEZ-VICENTE, Ruben (2012), “The Political Economy of Sino-Peruvian Relations: A New Dependency?”, em: *Journal of Current Chinese Affairs*, Hamburg, Vol. 41, Nº 1, pp. 97-131.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA E INFORMÁTICA (2016), *Panorama de la Economía Peruana: 1950-2015*, Lima, INEI.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA E INFORMÁTICA (2019), *Panorama de la Economía Peruana, 1950-2018*, Lima.

INSTITUTO PERUANO DE ECONOMÍA (2017), “El valor agregado de la minería en el Perú”. Disponível em: <https://www.lampadia.com/assets/uploads/documentos/1b456-ipe-el-valor-agregado-de-la-mineria-final-.pdf>. (Consultado em outubro de 2019).

JABBOUR, Elias e PAULA, Luiz Fernando de (2018), “A China e a ‘socialização do investimento’: uma abordagem Keynes-Gerschenkron-Rangel-Hirschamnn”, em: *Revista de Economia Contemporânea*, [s.l.], Vol. 22, Nº 1.

JENKINS, Rhys (2012), “Latin America and China – a new dependency?”, em: *Third World Quarterly*, London, Vol. 33, Nº 7, pp.1337-1358.

JIMÉNEZ, Félix (2001), “El modelo neoliberal peruano: límites, consecuencias sociales y perspectivas”, em: SADER, Emir (ed.), *El ajuste estructural en América Latina: Costos sociales y alternativas*, Buenos Aires, CLACSO, pp. 145-169.

MEDEIROS, Carlos Aguiar de e CINTRA, Maria Rita Vital Paganini (2015), “Impacto da ascensão chinesa sobre os países latino-americanos”, em: *Revista de Economia Política*, São Paulo, Vol. 35, N°1, pp.28-42.

MESÍAS, Aníbal (2017), “Impacto de China en la economía peruana”, em: DUSSEL PETERS, Enrique (ed.), *América Latina y el Caribe y China: Economía, comercio e inversión 2017*, Ciudad de México, Red Académica de América Latina y El Caribe Sobre China, pp. 235-256.

MINISTERIO DE COMERCIO EXTERIOR Y TURISMO (2019), *Estudio de Aprovechamiento del TLC Perú-China, 9a Año de vigencia del TLC*, Lima, MINCETUR, 17 p.

MINISTERIO DE ENERGÍA Y MINAS (2018), *Anuario Minero 2017*, Lima, Minem.

MINISTERIO DE ENERGÍA Y MINAS, (2019), *Anuario Minero 2018*, Lima, Minem.

MORENO CUSTODIO, Leslie (2020), “Comunidad peruana quiere acabar convenio entre la Policía y minera china”, em: *Diálogo Chino*, Londres. Disponível em: <https://dialogochino.net/es/actividades-extractivas-es/35155-comunidad-peruana-quiere-acabar-convenio-entre-la-policia-y-minera-china/> (Consultado em junho de 2020).

PARODI, Carlos (2018), “Radiografía del empleo en el Perú”. Disponível em: <https://gestion.pe/blog/economiaparatodos/2018/10/radiografia-del-empleo-en-el-peru.html?ref=gesr> (Consultado em outubro de 2019).

PERROTI, Daniel (2015), “La República Popular de China y América Latina: impacto de crecimiento económico chino en las exportaciones latinoamericanas”, em: *Revista CEPAL*, Santiago, N° 116, pp.48-60.

PINTO, Hugo Eduardo Meza (2003), “A evolução da economia peruana no período 1950-2000: Meio século de transformação e a procura de Relações Internacionais”, em: *Cadernos PROLAM/USP*, [s.l.], Vol. 2, N° 3, pp.79-109.

PONCE, Fátima e QUISPE, Myriam (2010), “Políticas comerciales internacionales y la estructura del comercio exterior peruano”, em: RODRÍGUEZ, José; TELLO, Mario D. (ed.), *Opciones de política económica en el Perú: 2011-2015*, Lima, Fondo Editorial de La Pontificia Universidad Católica del Perú, pp. 235-274.

RODRIGUES, Bernardo Salgado e HENDLER, Bruno (2018), “Investimento externo chinês na América Latina e no Sudeste Asiático: uma análise de escopo, valores e setores-alvo”, em: *Estudos Internacionais*, Belo Horizonte, Vol. 6, N° 3, pp.5-25.

SALDARRIAGA, Juan (2019), “China ya no es el inversionista minero número uno del Perú”, em: *El Comercio*, Lima. Disponível em: <https://elcomercio.pe/economia/dia-1/china-inversionista-minero-numero-peru-noticia-601756> (Consultado em agosto de 2019).

SAMANAMUD, Germán Terán (2014), “China en América Latina: los casos de Ecuador y Perú entre los años 2009-2012: ¿es posible una apuesta hacia el futuro?”, em: *Anuario Mexicano de Derecho Internacional*, México DF, Vol. 14, pp.221-260.

SÁNCHEZ CHÁVEZ, Catalino e RAMÍREZ PALMA Beatriz (2016), “Influencia de las políticas neoliberales del Consenso de Washington en el crecimiento económico del Perú, 1990-2015”, TCC (Graduação), Universidad Nacional Santiago Antúnez de Mayolo, Huaraz.

SANTOS, Fabio Luis Barbosa dos (2016), “Perversão e trauma: impasses da política peruana contemporânea”, *Latinoamérica*, em: *Revista de Estudos Latinoamericanos*, México DF, N° 62, pp.195-226.

SANTOS, Leandro Teixeira dos e MILAN, Marcelo (2014), “Determinantes dos Investimentos Diretos Externos Chineses: Aspectos Econômicos e Geopolíticos”, em: *Contexto Internacional*, Rio de Janeiro, Vol. 36, N° 2, pp.457-486.

TÁVARA, José (2010), “Política Industrial y Desarrollo en el Perú”, em: Rodríguez, José; TELLO, Mario D. (ed.), *Opciones de política económica en el Perú: 2011-2015*, Lima, Fondo Editorial de La Pontificia Universidad Católica del Perú, pp. 15-44.

ZANABRIA, Luzmila (2015), “Las relaciones entre el Perú y China”, s NOVAK, Fabián; GARCÍA, Jaime (ed.), *La Política Exterior Peruana, Agenda y propuestas*, Lima, Pontificia Universidad Católica del Perú, pp. 87-100.

ZHANG, Longmei (2016), “Rebalancing in China: Progress and Prospects”, em: *IMF Working Paper – WP/16/183*, International Monetary Fund, September. Disponível em: <https://www.imf.org/external/pubs/ft/wp/2016/wp16183.pdf> (Consultado outubro de 2019).